



REBENA
Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

ISSN 2764-1368

Volume 10, 2025, p. 23 - 33

<https://rebena.emnuvens.com.br/revista/index>

**Formação Docente para a Prevenção e Intervenção em Casos de Violência
Escolar**

Teacher Training for the Prevention and Intervention in Cases of School Violence

Marlon Avinte Evangelista¹ Dorilene Guerreiro dos Reis²

Submetido: 23/11/2024 Aprovado: 18/01/2025 Publicação: 27/01/2025

RESUMO

O objetivo deste artigo foi analisar a formação Docente para a Prevenção e Intervenção em Casos de Violência Escolar. Utilizou-se a pesquisa de revisão de literatura, de abordagem qualitativa, do tipo descritiva. Os resultados demonstraram análises sobre condutas definidas como violentas nas escolas da Educação básica, motivos geradores de violência escolar, como os professores se preparam para lidar com a violência escolar, e, compreender se há formação inicial e/ou continuada para os professores lidarem com a violência no contexto escolar. Assim, concluiu-se que é de suma importância que as ofertas de formação continuada levem em consideração situações reais de vivência no interior dos estabelecimentos de ensino e que ofereçam possibilidades para o desenvolvimento de capacidades que possam de fato serem aplicadas. Pensando nisso, as pesquisas apontam experiências exitosas que levaram em consideração a realidade de cada grupo escolar e que tiveram acompanhamento.

Palavras-chave: Violência. Escola. Educação. Educador. Formação.

ABSTRACT

The objective of this article was to analyze teacher training for the prevention and intervention in cases of school violence. A literature review research was conducted, with a qualitative approach and descriptive type. The results presented analyses of behaviors defined as violent in basic education schools, the causes of school violence, how teachers prepare to deal with school violence, and whether there is initial and/or ongoing training for teachers to handle violence in the school context. It was concluded that it is crucial for ongoing training programs to take into account real-life situations within educational institutions and offer opportunities for the development of skills that can be effectively applied. With this in mind, research points to successful experiences that considered the reality of each school group and included follow-up support.

Keywords: Violence. School. Education. Educator. Training.

¹ Mestre Em Ciência da Educação, pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. avinteevangelist@gmail.com

² Mestranda em Ciência da Educação, pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. dorileneguerreiro@gmail.com

1. Introdução

A abordagem epistemológica sobre a educação em escolas públicas no Brasil mostra uma série de dissidências presentes no cenário educacional contemporâneo, sendo uma das mais prevalentes e abordadas em pesquisas científicas, a violência escolar. Dessa forma, buscou-se apresentar reflexões, embasadas em referencial teórico, sobre o tema aspectos causais e a formação dos professores para lidar com a violência no contexto escolar.

Justifica-se a escolha do referido tema em razão da diversidade de publicações que exploram a questão da violência escolar sob diversos enfoques, sendo pertinente, nesse momento, enfatizá-lo na perspectiva epistemológica conceitual e também sob as características da formação inicial/continuada do professor para lidar no âmbito escolar nos conflitos caracterizados como violentos entre seus alunos (dentro da escola).

Com base nesses fundamentos teóricos iniciais, está claro que a questão da violência escolar não pode e não deve ser tratada com opiniões provenientes do senso comum, para intervenções com bases epistemológicas. Dessa forma, pretende-se responder ao seguinte problema de pesquisa: De forma os estudos epistemológicos na área educacional abordam as causas da violência escolar e a formação dos professores?

O objetivo geral desse estudo, consistiu-se realizar revisão de literatura que torna-se possível analisar aspectos causais e a formação dos professores para lidar com a violência no contexto escolar.

Em relação aos objetivos específicos, buscou-se: abordar condutas definidas como violentas nas escolas da Educação básica; analisar alguns motivos geradores de violência escolar; entender como os professores se preparam para lidar com a violência escolar; e, compreender se há formação inicial e/ou continuada para os professores lidarem com a violência no contexto escolar.

2. Materiais e métodos

Levando-se em consideração a multiplicidade de enfoques que o tema possa se projetar, optou-se por utilizar o método de pesquisa bibliográfica para a elaboração do referencial teórico, contendo estudos selecionados a partir de bases de dados de revistas indexadas, para que se conseguisse identificar os estudos científicos (artigos, periódicos, livros, monografias, dissertações e teses) e tornar possível construir referencial teórico (GIL, 2018).

Salienta-se que os estudos que foram utilizados nesse artigo, foram selecionados a partir dos seguintes critérios de inclusão: estudos em língua portuguesa, publicados entre 2010 a 2020, e

que tivesse relação com os descritores em pesquisa: violência, escola, educação, educador, formação. Portanto, não foram incluídas as pesquisas, os estudos de língua estrangeiras, publicados até 1999, que não tivessem relação com os descritores e que disponibilizassem somente conteúdos do resumo da pesquisa.

Dessa forma, foram identificados 4662 estudos, através do uso dos descritores na busca do Google scholar, e assim, utilizando-se os critérios de inclusão foi identificado universo de 330 periódicos, os quais, passaram por um processo de leitura sistemática para selecionar a amostra de 30 estudos.

Os resultados tiveram a finalidade de atingir os objetivos propostos, por isso, adotou-se a natureza descritiva e a abordagem qualitativa para, através de análise de conteúdos e interpretação, realizar resumos e resenhas para expor o conteúdo, e organizá-los em conformidade com as finalidades da pesquisa.

3. Condutas violentas nas escolas

Os autores cujo objeto de estudo é a violência, majoritariamente, defendem-na como instinto agressivo ocasionado pela necessidade de sobrevivência do homem em meio a natureza; ou então, aceitam um conceito profuso que abarca desde atos de delinquência não incluídos nas formas da Lei. Entendendo-se como algo que coloca em risco e/ou cerceia a integridade física e psicológica de outrem, além da liberdade em casos extremos, através da aplicação de força excessiva ou desnecessária (Almeida, 2020).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) o termo violência se define pelo uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, e que, tal ação poderá ter um resultado capaz de gerar lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Assim, violência é o produto de uma intrincada relação de elementos particulares, coletivos e sociais que se nascem de fatores múltiplos e de cunho social, histórico e individual distribuídos em níveis que se inter-relacionam (Assis; Constantino; Avanci, 2020).

Para além de figurar como natural, os atos violentos são fenômenos sociais, dado que são inerentes aos vínculos estabelecidos entre os sujeitos, entre os sujeitos e o mundo e consigo mesmos, atuando no lar, não só nas escolas, mas em outros ambientes como o trabalho e as ruas. Desta feita, participam das relações de poder, fato que ocasiona, frequentemente, o desmoronamento da liberdade e autonomia individual, expondo o indivíduo a subserviência do outro. Sendo assim, entende-se os fenômenos violentos como um meio que se utiliza de dominação para cercear direitos vitais do indivíduo, tais como vida, liberdade e igualdade (Trassi; Malvasi, 2010).

4. Motivos geradores de violência escolar

No Brasil, os episódios violentos vêm sendo pesquisados nos últimos quarenta anos de modo metódico e confirmam que nos tempos da colônia, a violência se fazia presente no dia a dia tanto de homens quanto de escravos, mesmo daqueles que eram livres, como forma repressão a agitações sociais que contestavam a ordem estabelecida, tais como revoltas regionais e o movimento operário cuja origem data do final do século XIX. Também foi comportamento vigorante nos tempos das ditaduras militares, nos períodos dos primeiros governos militares do período republicano e na configuração de Estado Democrático (Botelho; Schwarcz, 2012).

Era a crença e esperança de muitos que a reorganização e construção da democracia e o regresso ao estado de direito trariam consigo, fatalmente, à paz para a sociedade. Infelizmente, não foi o que sobreveio. Os crimes e a violência acenderam-se e, admiravelmente, deflagram-se conflitos de variadas naturezas: crescimento de crimes (por exemplo, tráfico de drogas), graves violações de direitos humanos e conflitos com desfechos fatais nas relações interpessoais (Botelho; Schwarcz, 2012).

As pesquisas relacionadas aos eventos violentos assinalam um aumento em dimensão e acuidade dos comportamentos agressivos conhecidos como crimes violentos, ou seja, aqueles que põem em perigo a vida e a integridade física dos indivíduos, desde os fins da década de 1970 e ocorre em quase todas variedades de crimes contra o patrimônio e contra a vida.

Botelho; Schwarcz (2012) não estão totalmente em acordo quanto a presunção no que se refere as forças que determinam o desenvolvimento da violência no Brasil, mas algumas hipóteses podem ser levantadas.

Ligar a violência à pobreza como causa atribui às classes sociais que vivem nessas condições, principalmente os negros, jovens, de sexo masculino e que habitam em grandes cidades e dentro destas nos bairros e locais mais pobres, aquilo que convencionou-se chamar de discriminação que, por sua vez, ocorre quando se inflige menor valoração social à pessoas ou grupos em face as particularidades que o definem de antemão. É fundamental lembrarmos que essa não é a regra geral para a questão da violência, nem mesmo para outras temáticas, pois nem todo pobre é violento, bem como nem todo rico é pacífico (Botelho; Schwarcz, 2012).

Os comportamentos agressivos e violentos acompanham a história da sociedade. Assim, foram descritas as formas de violência conforme preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) as classifica, entendendo-as segundo a natureza das práticas realizadas:

- Violência física: uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades.

- Violência psicológica: agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social.

- Violência sexual: ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa a estimular a vítima ou a utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças.

- Negligência ou abandono: ausência, recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados. (Brasil, 2001).

Junto à concepção da OMS referida anteriormente, apresenta-se também a visão de Priotto e Bonetti (2009, p. 101) ao elencarem: “violência doméstica, política, policial, religiosa, criminal, simbólica, nas ruas, no trânsito, nas escolas, no campo, contra o jovem, a criança, a mulher, o idoso, o homossexual, entre outras”.

Dessa forma, entende-se que são inexatas, não abarcando, de fato, a multiplicidade do tema, mas nos fornece uma estrutura útil para se compreender os complexos padrões de violência que ocorrem no mundo, bem como a violência na vida diária das pessoas, das famílias e das comunidades (Assis; Constantino; Avanci, 2010).

Em relação a questão da violência familiar. É uma categoria que faz associação com a violência escolar de várias maneiras, a saber: práticas disciplinares inconsistentes ou excessivamente rígidas; dificuldades em ensinar mediação de conflitos para as crianças e adolescentes; falta de atenção às crianças e jovens e negligências quanto a suas necessidades.

Nas famílias onde se pratica maus-tratos e violência encontra anuidade no silêncio e, muitas vezes, convivência dos parceiros. A agressão ocorre de modo contínuo, fato que eleva, em muito, as chances da criança e/ou adolescente vir a óbito, pelas mãos dos próprios agressores ou através de suicídio.

É conveniente explicitar que o conceito de violência intrafamiliar não se restringe apenas ao espaço físico onde são efetuadas as agressões, desta forma a palavra ‘doméstica’ abrange as pessoas que participam do ambiente do lar (casa), mas também se refere àqueles aos visitantes, empregados e agregados.

Há, nesse contexto, quatro formas mais comuns de violência intrafamiliar: a física, psicológica, negligência e sexual. A violência intrafamiliar é uma das várias categorias/ demonstração de destrutividade que a humanidade executa contra crianças e adolescentes, tendo sua causa atrelada também a conjuntura histórica, social, política e cultural (Assis; Constantino; Avanci, 2010).

A violência familiar, as decorrentes das condições de vida e as que acontecem na comunidade fatalmente incidem sobre a vida e o rendimento dos estudantes e sua permanência nas escolas.

5. Atuação dos professores em condutas violentas de alunos

Diariamente, são presenciados pelos professores as mais variadas modalidades de violência (evidente ou dissimulada) e cuja intensidade, padrões e contornos dos eventos alteram-se. As cicatrizes, contudo, seguem profundas naqueles que são vitimizados. Em consequência, os comportamentos violentos e o fenômeno da violência ganha cada vez mais visibilidade e cuidado por parte de estudiosos de diversas áreas, quer sejam suas manifestações urbana, policial, familiar ou escolar. Desse modo, para uma melhor compreensão optou-se em apresentar a descrição de violência na escola na visão de Charlot (2000), Abramovay (2015) e Priotto; Bonetti (2009).

O estudo sobre a violência na escola deve, necessariamente, está pautado na pressuposição de que a aprendizagem é uma ação que se realiza de forma coletiva, conforme demandado pela sociedade que requer uma formação integral do aluno. Diante das ideias expostas está claro que a violência escolar advém de uma multiplicidade de fatores, porém, de maneira geral, esta é o reflexo daquilo que ocorre na sociedade.

Em seu entendimento, a escola é um lugar privilegiado de socialização” e abarca a tarefa de desempenhar o papel de amparo à crianças e jovens a ingressarem-se na vida adulta capazes, bem como tolerar as intempéries próprias da mesma. Além disso, os colégios são apenas um espaço dentro de um todo chamado sociedade e, conseqüentemente, passam pelas agitações que as afligem (Charlot, 2000).

Charlot (2000) reflete sobre uma sociologia do sujeito. Nesse sentido, agir no e sobre o mundo, encontrar a questão do saber como necessidade de aprender, produzir a si mesmo pela educação, compreender-se como um ser humano, em sua natureza social e singular, Em síntese, o saber existe sob formas específicas, ou seja, o sujeito de saber e o saber existem em uma relação com o mundo (e essa é uma proposição básica) que é, ao mesmo tempo, uma relação consigo e com os outros, o que implica uma forma de atividade, uma relação com a linguagem e uma relação com o tempo.

O contato com o pensamento de Charlot (2000) potencializa reflexões na direção de pensar as contradições que se colocam no cotidiano escolar. No ponto de encontro entre o professor, o estudante e a produção de conhecimento, suas reflexões e teorizações permitem o diálogo ancorado no exame crítico das situações específicas dos processos de aprendizagem, sem desconsiderar as questões e situações sociais que a constituem.

Abramovay (2015) utiliza a expressão violência na escola. A violência irrompe como forma de conexão entre as pessoas, ou seja, para que os comportamentos agressivos ou violentos ocorram de fato faz-se necessário pelo menos dois sujeitos envolvidos, onde um exerce força sobre o outro, especificada pela intenção do efeito que tendem a produzir e pela consideração desse efeito produzido como agressivo.

A violência, portanto, implica a dimensão do poder (entendidos como correlação de forças) e a privação, momentânea ou perene, do exercício da liberdade por parte da pessoa violentada. Por isso, o ambiente escolar, dentre outros, torna-se marcos psicossociais, nos quais essas condutas podem surgir, e os autores e alvos desse tipo de atitude podem ser de qualquer idade ou gênero.

Assim, a autora explicou que os professores se queixam de insultos, palavrões, palavras agressivas, acusações, ridicularizações, violência verbal por parte dos pais entre outras. No entanto, os alunos também se queixam dos professores, exemplificando a maneira agressiva como muitos deles são tratados: arrombada, retardada, burra, marginais, medíocres, imprestáveis, drogados, raça podre, vagabundos, pobres, vadios etc. (Abramovay, 2015).

As novas configurações familiares, a violência urbana e o avanço da tecnologia são apenas algumas facetas que permeiam a complexidade dos novos tempos. As mudanças vertiginosas a que a nossa sociedade está submetida produzem grandes instabilidades e geram, sobretudo, novos contextos educacionais. Os discentes acham-se em um universo diferente, heterogêneo, provocador, tecnológico, cujo estilo de vida é frenético e excitante, não obstante, as escolas encontram-se na contramão desse mundo, em que os estabelecimentos de ensino parecem saídos de contos do século XIX. Parece exagero e um tanto repetitivo, mas a realidade é que nos deparamos, ainda nos dias de hoje, com escolas cujo modelo ainda retrata o modelo tradicional de ensino.

Os estudos e pesquisas que versam sobre a temática da violência escolar ponderam sobre diversos aspectos, concentrando-se na sociedade contemporânea e as implicações das transformações ocorridas nas esferas social, econômica, familiar, tecnológica, dentre outras, mostram-nos, claramente, que atualmente mudanças no processo pedagógico, na relação professor-aluno e, obviamente, na formação do professor são imprescindíveis para que se possa intervir nesse contexto violento de maneira plena e eficaz.

A seara da violência escolar nos estudos de Priotto; Bonetti (2009), em seus estudos e pesquisa, enfoca: ora questões geográficas; ora fase etária (adolescência); ora pela associação entre incivildades e desenvolvimento social e econômico. A multiplicação dos casos e registro de comportamentos violentos têm nos chamado atenção dos pesquisadores ao redor do mundo para o debate e apresentação de proposições de mediação desenvolvidas nas escolas, muito embora, os episódios de violência, ainda, representem um imenso desafio aos estudiosos.

Denomina-se violência escolar todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar. Considerando o exposto, neste texto busca-se analisar a violência escolar, como ela se apresenta especialmente na perspectiva de distinguir o que é violência na escola, da escola e contra a escola.

Priotto; Bonetti (2009) citam o caso do bullying, que traduzido pode significar intimidação, assédio moral ou maltrato, ou seja, essa forma de violência caracteriza-se por condutas de diversas naturezas como: ameaças, intimidações, brincadeiras, agressões físicas, isolamento sistemático, insultos; origina problemas que se reparam e prolongam durante certo tempo; supõe um abuso de poder, quando um aluno é provocado por outro apoiado geralmente por um grupo; este aluno se torna vítima indefesa e que não pode por si mesma sair dessa situação; e passividade das pessoas que estão ao redor dos agressores e das vítimas que não intervêm diretamente.

Essa nova modalidade de bullying vem preocupando especialistas em comportamento humano, pais e professores em todo o mundo. E isso se deve ao fato de ser imensurável o efeito multiplicador do sofrimento das vítimas. Os ataques perversos do cyberbullying extrapolam, em muito, os muros das escolas e de alguns pontos de encontros reais, onde os estudantes se reúnem em território extraclasse como: festas, baladas, praças de alimentação, shoppings, lanchonetes, entre outros.

Quando se fala em violência há de se pensar em todos os contextos em que essa pode ser gerada, pois quando se fala em violência na escola não se pode pensar apenas no que acontece em seu interior, mas também o que acontece em seu entorno. As cercanias da escola (rua em frente, entorno, ponto de ônibus e caminho até o ponto de ônibus) consistem no espaço em que mais ocorrem violências. Daí se ter a vizinhança (comunidade do entorno) como um dos cinco principais problemas da escola. Estudos têm apontado que é mais violento o interior da escola do que o entorno. Esse fato descaracteriza o ambiente escolar como espaço seguro e protegido.

É necessário ter clareza de que se há um colapso de valores na sociedade contemporânea, também não há possibilidade e condições de exercer a autoridade perante os jovens e adolescentes. A importância peculiar da crença na legitimidade, que transforma o poder em autoridade, consiste no fato de que esta tende a conferir ao poder eficácia e estabilidade.

6. Conclusão

Considera-se que através da revisão de literatura conseguiu-se atender aos objetivos propostos, bem como responder o problema e confirmar a hipótese. A problemática da violência deve ser cuidada de forma preventiva, contínua e permanente para que possam surtir o efeito desejado nas escolas.

Deve-se desenvolver na escola e, conseqüentemente, na sociedade uma cultura de paz diante da intensidade, quantidade e gravidade de atos violentos presentes no dia a dia da comunidade. Para tanto, destaca-se a importância de uma formação inicial e continuada que instrumentalize os docentes no enfrentamento da questão da violência escolar.

Em instituições compostas por crianças, adolescentes, professores e corpo técnico podem ocorrer diversas formas de manifestação da violência escolar. O ensino deveria ser capaz de formar homens qualificados para preencher as necessidades da sociedade no que diz respeito ao trabalho, além de possibilitar o aprimoramento das faculdades morais, físicas, intelectuais e psíquicas, e, à vista disso, contribuir para um aperfeiçoamento geral e gradual da espécie humana, finalidade última para a qual toda instituição deve ser dirigida.

Nesse contexto, fica evidente e necessário uma mudança no paradigma educacional de modo a adequar-se às novas exigências da sociedade contemporânea. Chama-nos atenção o fato de que esse processo, que a evolução da educação envolve, desencadeia na transformação no trabalho dos profissionais das instituições escolares, os quais a cada momento se deparam com novas situações vindas da sociedade evolutiva, entre tais situações, a violência escolar.

Acerca da formação dos professores no que se refere a violência escolar, os estudos analisados conduziram entendimento de que estes, em sua maioria, não estão preparados para enfrentar atos violentos de alunos, ou seja, há despreparo no enfrentamento e na adoção de estratégias de intervenção, elaboradas para reduzir a reiteração de ocorrências.

A formação e o exercício continuado de uma profissão são as principais formas de socialização do campo profissional são processos que incluem o sujeito num grupo determinado a partir do momento em que ele é capaz de materializar as condutas previstas como legítimas naquele campo.

A formação docente deve promover a prática pela pesquisa e a proatividade em contraposição a reatividade. Para tal fim e, também para a diferenciação de princípios que englobem estratégias para o avanço no que tange ao conhecimento, visando prevenir e trabalhar com as violências escolares, entre os quais: capacitar os professores para lidar com a violência escolar; a escola é capaz de contribuir para a prevenção do desenvolvimento dos comportamentos agressivos; defender uma abordagem ativa – e não reativa – no trato das violências, e utilizar abordagem educativa, em vez de punitiva; incentivar a formação continuada, sabendo que a experiência por si só não basta para evitar ou lidar com a violência.

É de suma importância que as ofertas de formação continuada levem em consideração situações reais de vivência no interior dos estabelecimentos de ensino e que ofereçam possibilidades para o desenvolvimento de capacidades que possam de fato serem aplicadas. Pensando nisso, as pesquisas apontam experiências exitosas que levaram em consideração a realidade de cada grupo escolar e que tiveram acompanhamento.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. Programa de prevenção à violência nas escolas: violência nas escolas. Brasília: Agência Flasco, 2015.

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. A violência na sociedade contemporânea. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

ALVES, Nilda (org.). Formação de professores: pensar e fazer. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 46, n. 161, p. 664-692, 2016.

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. Impactos da violência na escola: Um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

BADIA, Denis Domeneghetti; POLI, Ana Paula; SOUZA, Nathália Cristina Amorim Tamaio de. A temática da violência escolar na formação docente inicial: das lacunas existentes às discussões necessárias. Conjectura: Filosofia e Educação, v. 19, n. 3, p. 171-184, 2014.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, ano CXXXIV, n. 1.248, p. 2783327841.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação As Diretrizes Curriculares Nacionais Para a formação de Professores da Educação Básica, em nível superior. Processo nº 23001.000177/2000-18. Parecer nº CNE/CP nº 009/2001 Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Processo nº 23001.000188/2005-02. Parecer CNE/CP nº: 5/2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da Educação Básica em cursos de nível superior. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf>>.

BRASIL. Ministério da Educação. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da Educação Básica em cursos de nível superior. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n. 737 de 16 maio 2001. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências. Diário Oficial da União, Brasília, n. 96, 2001. Seção 1E, 18 maio 2001.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORREA, B. C.; PIOTTO, D. C. Formação inicial de professores e práticas de violência da escola: tensões vividas na realização e no acompanhamento de estágios. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 23, 2007, Porto Alegre. Anais ... Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GENTILE, P. A educação, vista pelos olhos do professor. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 207, p. 34-35, nov. 2007.

GIL, Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 16ª Ed. São Paulo: Atlas, 2018.

PIOTTO, Elis Palma; BONETTI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. Revista Diálogo Educacional, v. 9, n. 26, p. 1-39, 2009.

TRASSI, Maria de Lourdes; MALVASI, Paulo Arthur. Violentamente Pacíficos: descontruindo a associação Juventude e Violência. São Paulo: Cortez, 2010.